

DESINDUSTRIALIZAÇÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:
PROBLEMA OU OPORTUNIDADE? | José Manuel Lopes Cordeiro

Universidade do Minho | Instituto de Ciências Sociais | *Campus* de Gualtar,
4710-057, Braga, Portugal | *E-mail: jmlopes.cordeiro@gmail.com*

DESINDUSTRIALIZAÇÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: PROBLEMA OU OPORTUNIDADE?

INTRODUÇÃO

Poderá parecer uma ironia, mas o interesse pelo patrimônio industrial e, mais do que isso, a sua emergência como disciplina acadêmica resultou do fenômeno de desindustrialização que começou a se alastrar na Europa pós II Guerra Mundial. De fato, o interesse pelo estudo e salvaguarda do patrimônio industrial surgiu no Reino Unido durante a década de 50, coincidindo com aquilo que foi classificado como uma vaga de nostalgia pelas tradições industriais britânicas, agravada pelas destruições massivas provocadas pelos bombardeamentos durante a II Guerra Mundial, cujos alvos estratégicos eram muitas vezes as unidades industriais. Às destruições resultantes dos bombardeamentos seguiram-se as demolições de instalações industriais obsoletas, resultantes da reconversão industrial e urbanística, num fenômeno que se prolongou até os primeiros anos da década de 60. Essa situação contribuiu não apenas para a formulação de uma nova noção de patrimônio — o patrimônio industrial —, mas também como para a emergência da arqueologia industrial como uma nova área de investigação. Um dos primeiros movimentos de opinião pública a favor da salvaguarda de um monumento industrial registrou-se precisamente nessa época, em 1962, quando foi demolido o Euston Arch, um pórtico neoclássico do terminal londrino do North Western Railway concebido por Philip Hardwick, na estação principal da linha Londres-Birmingham, construída em 1838. Segundo Michael Rix, um dos pioneiros

no estudo do patrimônio industrial no Reino Unido, esse imponente pórtico “simbolizava o sentimento que os pioneiros dos primeiros caminhos-de-ferro tinham da força da locomotiva como transformadora mítica da actividade social” (Rix, 1967, p.13).

A desindustrialização com que hoje em dia se depara decorre também da necessidade de reconversão econômica por parte de largos setores industriais, acompanhada por um fenómeno relativamente novo, o da deslocalização generalizada das empresas, principalmente para o Leste da Europa e diversos países asiáticos, onde usufruem de inúmeras vantagens, entre as quais o custo da mão de obra. Nesses casos, tem-se verificado que o patrimônio industrial abandonado pelas empresas nas suas regiões e países de origem não conhece situações de prolongado abandono e degradação, sendo imediatamente demolido a fim de permitir a sua rentabilização com empreendimentos imobiliários, muitas vezes associados à especulação.

No entanto, em muitas cidades, há ainda inúmeras situações em que antigas instalações fabris se mantêm abandonadas e em degradação durante longos anos, constituindo um problema de salvaguarda — se tal se justificar — e também um problema urbanístico à espera de solução. A solução ideal para situações desse tipo deveria privilegiar a questão patrimonial, ou seja, se as instalações apresentarem inequívoco valor patrimonial, mereceriam atuação em conformidade, mediante tombamento e programa de valorização e aproveitamento, de forma a salvaguardar o interesse da comunidade. Essa valorização comporta inúmeras soluções — não necessariamente de natureza cultural —, dada a versatilidade de reutilização que o patrimônio industrial oferece.

Contudo, nos casos em que a reutilização não for possível — por exemplo, em virtude do acentuado grau de degradação das instalações, que alcançaram o estado de ruína — e o patrimônio apresentar um indiscutível valor histórico, então é necessário encará-lo como aquilo que, em última análise, ele representa: um vestígio de determinada etapa da civilização industrial, com a mesma importância e dignidade dos vestígios de outras épocas históricas. Nesses casos, porventura raros, impõe-se a preservação dessa ruína, como testemunho histórico de uma determinada etapa da evolução da humanidade.

O fenómeno da desindustrialização tem conduzido também a situações em que uma vasta zona urbana ou uma região industrial encontra-se degradada em virtude do encerramento ou transferência das atividades. Nesses casos, o problema apresenta-se numa outra escala, exigindo estudos aprofundados que avaliem o potencial econômico e cultural daquele patrimônio, com vista à definição de programas tendentes a sua regeneração.

Nos últimos anos, tem-se generalizado um consenso sobre a estratégia de combate ao abandono e degradação que afetam antigas zonas industriais urbanas, mediante a revitalização da área por meio de planos integrados que possam recriar as suas funções vitais, tanto de habitação como de comércio, serviços, cultura e lazer, em contraposição à expansão de aglomerações urbanas nos subúrbios.

É evidente que não é possível, nem desejável, salvaguardar todos os testemunhos do passado histórico, apenas se justificando proceder desse modo em relação àqueles que

apresentarem efetivo valor histórico e patrimonial, à luz de critérios universalmente reconhecidos. O que se impõe nesses casos é a aplicação das mais elementares normas de arqueologia preventiva e de salvamento, ou seja, a conservação pelo registro. No entanto, no caso do patrimônio industrial, verificam-se duas situações: por um lado, os vestígios desaparecem sem nunca terem sido estudados, inventariados ou salvaguardados, principalmente documentação de interesse histórico ou maquinaria de valor patrimonial e museológico; por outro, nesta época de profunda reconversão econômica, a demolição das estruturas industriais assume um caráter de total arrasamento, em contraste com a destruição evolutiva e o aproveitamento parcial dos restos materiais de outras épocas, que se efetuou até o período contemporâneo.

Tanto no caso do patrimônio do período da industrialização como no de outras épocas, todas as demolições deveriam ser acompanhadas por arqueólogos especializados nos respectivos períodos históricos, a fim de se efetuarem os registros necessários para que essa herança possa vir a ser futuramente explorada do ponto de vista científico.

A manter-se este ritmo de destruição não seletiva e não organizada, num futuro próximo quase não restará um só edifício industrial dos séculos XIX ou XX que possa constituir um testemunho de como se desenrolou uma das maiores transformações experimentadas pela humanidade, como foi o período da industrialização.

A versatilidade oferecida pelo patrimônio industrial no que respeita à sua reutilização, constitui também um fator adicional que favorece a adoção desse tipo de solução. De fato, a reutilização do patrimônio industrial tem constituído uma das soluções encontradas para o problema da sua salvaguarda. A conjugação da engenharia e arquitetura, altamente desenvolvidas nas últimas décadas, com as características particulares das edificações industriais (construção sólida e amplos espaços interiores) oferece um enorme leque de possibilidades para a preservação desse tipo de patrimônio. A reutilização tem sido a opção preferencialmente adotada para a salvaguarda do patrimônio industrial, uma vez que são inúmeras as soluções e possibilidades que ele encerra.

Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais preserva a fisionomia e as características urbanísticas de uma determinada zona cidadina, ao mesmo tempo que evita gastos desnecessários com demolição e posterior construção, contribuindo também para o desenvolvimento econômico sustentado.

Contudo, como salientou a “Carta para o Patrimônio Industrial” elaborada pelo *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH):

a adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização, como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável, excepto no caso de sítios com uma particular importância histórica. As novas utilizações deverão respeitar os materiais específicos, assim como os esquemas originais de circulação e de produção, e deverão ser compatíveis, tanto quanto possível, com a sua utilização original. É recomendável uma adaptação que evoque a sua atividade original (*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*, 2003).

Em Portugal, a opção pela reutilização de antigos edifícios industriais para outros fins conta com vários exemplos. Covilhã, cidade em que a indústria de lanifícios experimentou uma profunda crise, com o encerramento de inúmeras fábricas, é o município português que mais tem investido na reutilização do patrimônio industrial, graças à iniciativa da Universidade da Beira Interior. A universidade, que dispõe de cerca de 180 000m² de área construída, tem 80% de sua área reutilizada, ou seja, as antigas fábricas de lanifícios foram recuperadas e estão sendo reutilizadas pela instituição. Mas, na maior parte dos casos, e em grande medida devido à voragem da especulação imobiliária, prefere-se destruir os edifícios sem sequer se cogitar dessa possibilidade. Por vezes, opta-se por soluções que nada têm a ver com a salvaguarda do patrimônio industrial, como manter apenas a chaminé e arrasar completamente as instalações fabris. Nesses casos, a chaminé — isolada e completamente descontextualizada — constitui apenas a tradução de um sentimento de má consciência, que procura compensar o ato de destruição do patrimônio. Noutros casos opta-se por uma solução igualmente perversa, o “fachadismo”, ou seja, aparentemente conserva-se o edifício industrial, enquanto na realidade este se encontra totalmente alterado e descaracterizado no seu interior, o que significa transformar o patrimônio numa espécie de cenário cinematográfico.

Para além do interesse em conservar o patrimônio industrial como testemunho de um dos processos mais importantes na história da humanidade, de modo que as futuras gerações possam conhecer como se realizou essa prodigiosa transformação, a sua preservação pode também desempenhar um papel importante na regeneração econômica de regiões deprimidas ou em declínio. Como é apontado na “Carta para o Patrimônio Industrial”, já referida, “a continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades que se viram confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos” (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, 2003).

A revitalização de antigas zonas industriais urbanas, tornadas obsoletas, tem encontrado dois tipos de solução. Uma delas é a demolição total ou parcial, dando origem frequentemente à construção de equipamentos de várias naturezas, visando favorecer a regeneração urbana. Noutros casos, as antigas instalações industriais são reutilizadas para fins de natureza cultural, com o objetivo de contribuir para a revitalização da área. A seguir, citam-se alguns exemplos.

POBLE NOU E OS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DE 1992, EM BARCELONA, ESPANHA

Desde o restabelecimento da democracia, em 1977, as políticas culturais constituíram o motor central da regeneração urbanística de Barcelona. A realização dos Jogos Olímpicos de Verão de 1992 suscitou o desenvolvimento de um conjunto de políticas urbanísticas, com o objetivo de fazer com que o motor econômico da cidade passasse a ser a indústria cultural e turística.

Uma das zonas da cidade inserida na operação “Barcelona Olímpica 1992”, ainda que indiretamente, foi o bairro industrial de Poble Nou, considerado a “Manchester catalã”, que nos finais do século XIX constituía a zona de maior concentração industrial da Catalunha e uma das maiores de Espanha, ocupando uma área de mais de 200 hectares. As soluções urbanísticas então desenvolvidas sacrificaram grande parte do património industrial existente, no qual se contavam algumas das instalações industriais mais emblemáticas do processo de industrialização da cidade.

Em 2001, o município de Barcelona, em parte como resposta à consciência generalizada da população de Poble Nou sobre a importância do seu património industrial que, entretanto, se tinha desenvolvido, colocou em prática um plano de ordenamento urbanístico para transformar aquela antiga zona industrial, denominado “projecto22@Barcelona”. O objetivo era o de criar um contexto privilegiado para o desenvolvimento das atividades mais inovadoras da economia do conhecimento, as quais, por essa razão, recebem a denominação de atividades @. Esse plano consiste, fundamentalmente, na promoção de um “novo modelo urbano no qual os novos edifícios e espaços públicos convivem com os traços históricos e os elementos representativos do passado industrial, criando um entorno de grande valor cultural, no qual confluem a tradição e a inovação”¹. Com o objetivo de favorecer esse processo de recuperação dos símbolos da memória industrial de Poble Nou, realizaram-se várias alterações no Plano do Património Arquitetónico Histórico-Artístico de Barcelona, como resultado de um exaustivo processo de inventariação do património industrial e do consequente tombamento dos seus valores mais significativos. No âmbito do Plano de Proteção do Património Industrial, então criado, os 36 elementos do património industrial de Poble Nou inicialmente tombados foram acrescidos de 68 novos elementos até 2006, estando também prevista a criação de um Centro da Cultura Industrial de Barcelona, a ser instalado na antiga fábrica têxtil Can Saladrigas.

O projecto22@Barcelona prevê que cerca de 10% da área de Poble Nou esteja destinado a equipamentos públicos (145 000m²) que acolham principalmente atividades de formação, investigação e divulgação das novas tecnologias.

“Esta medida favorece as sinergias entre as universidades que estarão presentes no projeto, os centros tecnológicos, os centros de investigação e a atividade produtiva em geral, melhorando a eficiência do conjunto, já que garante a disponibilidade de uma ampla oferta de capital humano altamente qualificado”².

Entre as novas infraestruturas de conhecimento do projecto22@Barcelona, cabe destacar: o novo *campus* da Faculdade de Comunicação da Universidade Pompeu Fabra, a nova sede da Universidade Aberta da Catalunha (UOC), o centro de formação contínua da Universidade de Barcelona (IL3), o Campus Tecnológico e Empresarial de Barcelona

— Cluster de Energia (b_TEC), a Bau — Escola Superior de Desenho, a *School of Professional & Executive Development* (UPC) e diversas iniciativas para a concentração de centros de R+D e de inovação, entre outros.

O projeto aposta também na convivência entre espaços produtivos e novas habitações, recuperando mais de 4 600 antigas moradias e possibilitando a residência próxima do local de trabalho, medida que favorece o comércio de proximidade e garante a vitalidade do espaço público ao longo de todo o dia. Cerca de 10% das antigas áreas industriais darão lugar a mais de 114 000m² de novos espaços públicos, zonas verdes (anteriormente inexistentes), zonas pedonais e de circulação de bicicletas, estabelecendo um elevado *standard* de qualidade em todas as suas artérias. Por último, o projeto prevê a instalação de um conjunto de infraestruturas avançadas, resolvendo também a carência de serviços de que o antigo Poble Nou padecia, em matéria de energia, telecomunicação, climatização centralizada e recolha pneumática seletiva de resíduos. Em sua globalidade, o projeto é gerido por uma sociedade municipal, que coordena a atividade das diferentes empresas participantes. Prevê-se a criação de 150 mil novos postos de trabalho e investimentos na ordem dos 180 milhões de euros.

MUSEU GUGGENHEIM DE BILBAO, ESPANHA

O declínio que a indústria siderúrgica e de exploração do minério de ferro conheceu no País Basco a partir da década de 1980 levou o Governo dessa região a procurar soluções para reverter a situação. A crise foi particularmente sentida em Bilbao, a capital, que caiu em terrível situação de decadência urbana, revertida graças às políticas colocadas em prática, notadamente a despoluição do rio Nervion e a recuperação das suas margens. Ali surgiram novos bairros, com zonas de moradia, serviços e espaços verdes e de lazer, além de se implantar na cidade um novo e moderno sistema de transportes. O projeto da instalação de uma sucursal do Museu Guggenheim em Bilbao surgiu na sequência do processo de regeneração urbana, mas também para proporcionar uma maior visibilidade a uma cidade até então demasiado marcada pela imagem da indústria e, obviamente, para atrair o turismo.

Não se pode dizer que o processo do Guggenheim de Bilbao tenha sido pacífico. Algumas vozes defendiam que as elevadas verbas que iriam ser utilizadas na construção do Museu deveriam ser aplicadas em áreas como saúde e habitação. Outras preocupavam-se com o patrimônio industrial que iria ser destruído na área de implantação do Museu, principalmente a fábrica da Companhia de Maderas, projetada por Gregorio Ibarreche, cujas magníficas instalações arquitetônicas datavam de 1908. A Associação Basca do Patrimônio Industrial foi uma das entidades que lamentou a destruição do prédio, sublinhando tratar-se de “uma das mais belas fábricas da história industrial do País Basco” (Santana, 1992, p.1). Considerava, no entanto, que, dado não ser possível assegurar a sua preservação, antes de ser demolida deveria ser objeto de um pormenorizado estudo e uma publicação que preservasse a sua memória histórica.

Como estratégia de regeneração urbana de uma antiga zona industrial, a constru-

ção do Guggenheim de Bilbao, projetado pelo gabinete de arquitetos de Frank Gehry, constituiu um sucesso. Inaugurado em outubro de 1997, nos seus dez primeiros anos de atividade, recebeu uma média de um milhão de visitantes anuais, não obstante ser o museu com o mais caro ingresso na Espanha. Mais importante do que atrair o público — embora este não seja, de modo algum, de desprezar —, o Museu contribuiu decididamente para impulsionar o turismo em todo o País Basco, assim como setores da economia local, como hotelaria e restauração, cujos números quadruplicaram. Tudo isso em razão dos visitantes que passaram a afluir a Bilbao, atraídos pelas formas curvilíneas e retorcidas da inovadora arquitetura do Guggenheim, mais do que pelas exposições apresentadas.

Como bem concebida operação de turismo cultural, o Guggenheim realiza anualmente uma auditoria a fim de avaliar o impacto econômico das suas atividades. Segundo os cálculos dos auditores, em pouco mais de três anos, o Museu gerou receitas para a Fazenda basca no valor de 90 milhões de euros, um montante similar ao investido pelas instituições bascas na sua construção. A auditoria prossegue dizendo que o investimento foi rentável: em 2004 serviu para manter 4 800 empregos e trouxe 184 milhões de euros ao produto interno bruto do País Basco. As entradas de viajantes em Bilbao também refletem a mudança registrada com a abertura do Guggenheim. Enquanto em 1996 [ano anterior à inauguração do Museu] contabilizaram-se 265 mil turistas na capital biscaina, dois anos mais tarde, no primeiro exercício completo com o Museu em funcionamento, os viajantes aumentaram mais de 60%. Em 2001, os números sofreram um importante retrocesso devido à crise internacional, mas se recuperaram, haja vista o registro de 518 mil visitantes em 2004³.

Embora se deva reconhecer que, até agora, o Guggenheim de Bilbao conheceu um inesperado êxito, beneficiando-se, é certo, do efeito “novidade e moda”, só o tempo poderá comprovar se a sua implantação constituiu a melhor solução, como estratégia para a regeneração urbana de antigas zonas industriais. Além das críticas ao custo de sua construção — feitas durante aquele período e neutralizadas com os resultados dos primeiros anos — e além do fato, não despidendo, de se apresentar como um museu de vanguarda com salas de exposição completamente tradicionais e idênticas às de qualquer museu “clássico”, o Guggenheim tem de enfrentar uma concorrência cada vez maior na oferta de produtos culturais, o que poderá dificultar a captação de receitas, tanto mais que seus gastos de manutenção são consideravelmente elevados.

Os resultados obtidos nos últimos anos parecem apontar para o cenário de um relativo decréscimo. Em 2007, o museu recebeu 0,6% a menos de visitantes que no ano anterior⁴; no balanço de 2008, o decréscimo foi de 5%. Embora tais dados possam causar alguma apreensão, o declínio de visitantes não deverá ocorrer tão rapidamente, uma vez que em 2008 as atividades realizadas pelo Museu proporcionaram 230 milhões de euros à economia basca, e 28 milhões de euros em impostos cobrados⁵. No entanto, a agravar-se tal cenário, acaba-se por colocar abertamente a questão da opção por esse tipo de solução — edifícios icônicos — para regenerar zonas industriais em declínio.

TATE MODERN DE LONDRES, REINO UNIDO

A reutilização da *Bankside Power Station*, antiga central de produção de eletricidade de Londres, na *Tate Modern*, constituiu igualmente uma operação de revitalização de uma zona deprimida da capital britânica. A *Bankside Power Station* constitui um magnífico exemplar do patrimônio industrial britânico, tendo sido construída entre 1947-1963, desativada desde 1981 e tombada com a categoria de “Grade II”⁶ pelo *English Heritage*.

São duas as questões que se colocam quanto à reutilização da *Bankside Power Station*. A primeira tem a ver com a operação de reabilitação do edifício e a salvaguarda do patrimônio industrial. Na realidade, da sua antiga função industrial pouco ressalta para o visitante desprevenido, contrariando a orientação da Carta de Nizhny Tagil para o Patrimônio Industrial (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, 2003), já citada. Especialistas britânicos consideram que “a conversão da antiga *Bankside Power Station*, de Londres, na *Tate Modern* não podia ter sido alcançada sem uma considerável alteração do seu carácter” (Holder, 2001, p.7). De fato, a operação de reutilização apenas deixou a chaminé central do edifício, acrescentou uma “caixa” enviaçada de dois andares e, no deslumbrante *Turbine Hall*, apenas ficou a gigantesca ponte-rolante, uma vez que não era possível removê-la sem causar sérios danos ao edifício.

A segunda questão diz respeito à sua eficácia como agente de regeneração urbana. Não obstante se deva reconhecer que a *Tate Modern*, como polo de cultura contemporânea, é responsável por ter conferido uma nova imagem à capital britânica, e não obstante tenha atraído mais de 30 milhões de visitantes desde a sua inauguração em 2000, compensando o avultado investimento de 134 milhões de libras, a zona onde está inserida contém áreas que continuam a ser das mais pobres de Londres.

IBA EMSCHER PARK (ANTIGA ZONA INDUSTRIAL DO RUHR), ALEMANHA

O projeto IBA *Emscher Park*, universalmente conhecido, constituiu a maior e mais importante operação de regeneração de uma antiga região industrial até agora realizada, e também aquela que maior atenção prestou à salvaguarda do patrimônio industrial. Desenvolvido durante uma década, de 1990 a 2000, uma das suas linhas de intervenção focava precisamente a conservação dos mais significativos edifícios industriais existentes na região (*Industriedenkmäler als Zeugen der Geschichte* — monumentos industriais como testemunhas da História), através do redesenho dos seus espaços e funções, de modo a favorecer a manutenção de sua identidade industrial, porém com uma nova imagem.

O que importa ressaltar da experiência projeto IBA *Emscher Park* não é tanto a operação de regeneração da antiga região industrial do Ruhr, já sobejamente descrita por inúmeros autores, mas focar a importância de seus resultados para a salvaguarda e reutilização de alguns dos mais significativos elementos do patrimônio industrial, assim como apontar algumas das linhas metodológicas seguidas para obtê-los.

Dentre as instalações industriais reabilitadas no âmbito do projeto IBA *Emscher Park*, este estudo destaca apenas duas das mais bem sucedidas.

Uma delas é o antigo complexo da mina de carvão de Zollverein, em Essen, que esteve em risco de demolição e cujo poço nº 12, construído no estilo Bauhaus e aberto em 1932, é considerado uma obra-prima do ponto de vista arquitetônico e técnico. Essa mina de carvão, considerada a “mais bonita mina de carvão do mundo”, integra a Lista do Patrimônio da Humanidade da Unesco, desde dezembro de 2001. Além da valorização do antigo sítio industrial, foi também instalado na antiga Casa da Caldeira do poço nº 12 o Museu do *Design Zentrum Nordhein Westfalen*, com projeto do arquiteto britânico Norman Foster, inaugurado em 1997. O museu, com mais de cinquenta anos de história, foi o criador dos prêmios Red Dot e é uma das mais antigas e reputadas instituições de *design* na Europa. Após sua remodelação, ele atrai mais de 140 mil visitantes por ano.

Outro caso bem sucedido de valorização patrimonial e regeneração urbana é o antigo moinho Küppersmühle, em Duisburg, construído em 1909. O projeto de recuperação, de autoria da firma de arquitetos Herzog & de Meuron, responsáveis também pela *Tate Modern*, transformou a área abandonada e degradada do porto de Duisburg, dotando-a de um novo urbanismo, com residências, espaços e ambientes de lazer. O Museu *Küppersmühle*, instalado num antigo moinho, é consagrado à arte contemporânea e constitui uma das principais atrações turísticas da cidade.

A recuperação do patrimônio industrial do Ruhr, quer através da sua reutilização, quer mantendo-o *in situ*, não só contribuiu para a preservação da memória e identidade de uma região fortemente marcada pela indústria, como proporcionou o relançamento da economia, principalmente através da criação de atividades econômicas de novo tipo e de novas formas de trabalho, habitação e cultura, associadas a uma criteriosa exploração turística de uma rede de sítios patrimoniais e museológicos.

Do projeto IBA *Emscher Park* importa também retirar algumas ilações quanto a suas linhas metodológicas. Em primeiro lugar, é necessário destacar a excepcionalidade do projeto, com uma dimensão até então nunca experimentada, abrangendo numa perspectiva integrada os aspectos patrimoniais, urbanísticos, socioeconômicos e ambientais, numa região com dois milhões de habitantes, dezessete cidades e uma área de cerca de 800km², ao longo do rio Emscher e seus afluentes, na qual foi aplicado o conceito de “parque regional”.

Assumindo abertamente o caráter de exemplo internacional no âmbito da regeneração de antigas regiões industriais em depressão, o sucesso do projeto resultou, em grande medida, na criação de uma sociedade de planeamento de direito privado. Com sede em Gelsenkirchen, a sociedade, dirigida pelo geógrafo Karl Ganse, tem orçamento próprio de 35 milhões de marcos, tendo conseguido captar financiamento junto ao setor privado, para assegurar sua viabilidade.

Além da sociedade de planeamento, a metodologia posta em prática englobou municípios da região, organizações empresariais e sindicais, assim como cooperativas e associações de vários tipos, ou seja, a denominada “sociedade civil”, o que reforçou as condições de êxito do projeto.

CONCLUSÃO

Como demonstram os exemplos apresentados, o fenômeno de desindustrialização com que atualmente várias sociedades se defrontam oferece boas possibilidades para fazer face aos problemas existentes, com base na salvaguarda e valorização do patrimônio industrial. Embora não seja fácil, principalmente quando se trata de antigas zonas industriais urbanas ou regiões industriais em declínio, é possível reverter a situação por meio de estratégias adequadas. Estas passam preferencialmente pela elaboração de operações integradas, com entidades de gestão própria, capazes de responder a todos os desafios que se colocam.

É claro que, numa escala mais reduzida, a regeneração urbana pode ser alcançada com outro tipo de estratégia, como a implantação de um edifício icônico, que funcione como projeto âncora para captar investimentos e reforçar a atratividade da zona. No entanto, os resultados obtidos pelos edifícios icônicos — museus, centros de arte, casas da música, etc. — podem estar sujeitos a um “prazo de validade”. Ou seja, após o impacto inicialmente causado, vão perdendo naturalmente o efeito de atração, razão pela qual necessitam de avultados orçamentos anuais para conseguir manter um fluxo de público capaz de garantir sua sobrevivência. Embora tais instituições constituam um grande sucesso em termos turísticos, os residentes locais frequentemente se autoexcluem, não se beneficiando nem da fruição cultural, nem de eventuais oportunidades de emprego.

NOTAS

1. *Un nou model de ciutat*, URL: <<http://www.22barcelona.com>>.
2. *Un nou model de ciutat*, URL: <<http://www.22barcelona.com>>.
3. *Los desafíos del patrimonio artístico*. *El País*, Barcelona, 23 de maio de 2005.
4. “El Museo Guggenheim de Bilbao recibió en 2007 1.002.963 visitantes, un 0,6% menos que en 2006”, *AOL España*, 11 de Janeiro de 2008.
5. “Balance anual 2008. El Guggenheim de Bilbao recibe un 5% menos de visitas”, *El Mundo*, Bilbao, 12 de Janeiro de 2009.
6. Desde 2007, a categoria passou para *Grade II*.

REFERÊNCIAS

BALANCE anual 2008. El Guggenheim de Bilbao recibe un 5% menos de visitas. *El Mundo*, Bilbao. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/elmundo/2009/01/12/cultura/1231778022.html>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

EL MUSEO Guggenheim de Bilbao recibió en 2007 1.002.963 visitantes, un 0,6% menos que en 2006.

AOL España. Disponível em: <http://www.soitu.es/soitu/2008/01/11/info/1200058067_469301.html>. Acesso em: 11 jan. 2008

HOLDER, J. The concept of character in historical buildings. In: *The Building Conservation Directory: a guide to specialist suppliers, consultants and craftsmen in traditional building conservation, refurbishment and design*. Tisbury: Cathedral Communications, 2001.

LOS DESAFÍOS del patrimonio artístico. *El País*, Barcelona, 23 maio 2005.

RIX, M. *Industrial Archaeology*. London: The Historical Association, 1967.

SANTANA, A. Lo que perdemos com el Guggenheim. *Kultura Teknikoa*, n. 0, 1992.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE. Carta de Nizhny Tagil para o Patrimônio Industrial. 2003. Disponível em: <<http://www.ticcih.org>>. Acesso em: 20 out. 2009.

UNNOU MODEL de ciutat. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.22barcelona.com>>. Acesso em: 20 out. 2009.

RESUMO

O fenômeno de desindustrialização com que atualmente várias sociedades se defrontam oferece boas possibilidades para fazer face aos problemas causados por essa situação, principalmente com base na salvaguarda e valorização do patrimônio industrial. Embora não seja fácil, sobretudo quando se trata de antigas zonas industriais urbanas ou regiões industriais em declínio, é possível inverter essa situação por meio de estratégias adequadas, que contemplem a reutilização do patrimônio industrial, o qual pode vir a ser usado para múltiplos fins, sejam de natureza cultural, serviços ou habitação. Com base em vários exemplos de reutilização desse tipo de patrimônio — na Espanha, Reino Unido e Alemanha —, são analisados os problemas e questões colocados por cada um deles, tendo em atenção a adoção da estratégia mais adequada para alcançar os objetivos propostos.

PALAVRAS-CHAVE: Desindustrialização. Patrimônio industrial. Reutilização do patrimônio industrial.

DEINDUSTRIALIZATION AND SAFEGUARDING OF INDUSTRIAL HERITAGE: PROBLEM OR OPPORTUNITY?

ABSTRACT

The deindustrialization process some countries have been facing offers a valuable opportunity to solve the main problems caused by this situation, particularly with the safeguarding and valorisation of its industrial heritage. Although it is not easy, especially when it comes to old industrial areas or urban industrial regions in decline, it is possible to reverse these situations through appropriate strategies, contemplating the reuse of its industrial heritage, which might be used for multiple purposes — cultural, services or housing. Based on several examples of reuse of such industrial heritage — in Spain, Britain and Germany — the problems and issues raised by each of them are analysed, paying close attention to adopt the most appropriate strategy to achieve the proposed goals.

KEYWORDS: *Deindustrialization. Industrial heritage. Reuse of industrial heritage.*